

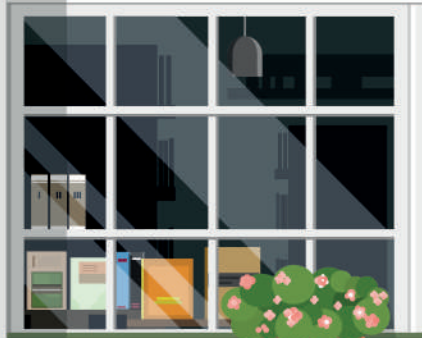
• BESTSELLER INTERNACIONAL •

«Um romance  
de estreia comovente  
e arrebatador.»  
*Publishers  
Weekly*

# A LIVRARIA DOS DIAS PASSADOS

Um jogo de adivinhas  
transforma-se numa autêntica viagem pelo passado  
que irá desvendar um terrível segredo.

AMY MEYERSON



**«O passado é prólogo.»**

*A Tempestade*, de William Shakespeare

# 1

---

---

••

A última vez que vi o meu tio, ele comprou-me um cão. Uma cadelinha *golden retriever* com olhos tristes e nariz em forma de coração. Não a tive o tempo suficiente para lhe dar um nome. De um momento para o outro, passou de andar a correr pela minha sala de estar, com a promessa de muitas aventuras que iríamos viver juntas, para, logo a seguir, desaparecer. O mesmo aconteceu com o tio Billy. Num momento, estava a dizer-me adeus e a acenar-me enquanto recuava pelo caminho de acesso à minha casa. Depois disso, nunca mais tornei a vê-lo.

A mamã nunca quis ter um cão. Eu suplicara, prometera ir passeá-lo todos os dias, esfregar a carpete da sala de estar se houvesse algum acidente, mas a mamã foi intransigente. Não tinha que ver com a carpete nem com os inúmeros sapatos que o cão iria estragar. Também não tinha que ver com amor. Ela não tinha dúvida nenhuma que eu iria adorar o cão. É claro que ela também iria adorá-lo, porém, um animal de estimação, como qualquer relacionamento, implicava responsabilidade, não amor. Eu estava a entrar na adolescência, na idade dos rapazes e das amizades que eram mais importantes do que a mesada, os cães e a família. Já tínhamos ultrapassado o assunto. Não iríamos ter nenhum cão. Eu sabia-o. E o tio Billy também.

O cão foi um presente de aniversário. Quando fiz 12 anos, os meus pais alugaram um salão de videojogos e um recinto para treinar batidas de basebol, em Culver City. Estávamos no início de 1998. Festejávamos sempre em janeiro, uma vez que eu nascera tão próximo do final do ano.

Os meus amigos juntaram-se atrás do lugar do batedor, de forma a incentivarem-me enquanto eu dava um pequeno toque no capacete de proteção para o afastar ligeiramente do rosto e entrava timidamente no recinto. O papá deu-me conselhos de última hora, no sentido de manter a minha distância entre ombros e pés afastados, o cotovelo direito levantado. Esperava que a mamã me dissesse para ter cuidado, contudo, ela estava no salão do concessionário a fazer um telefonema.

«Muito bem, Miranda, tu és capaz de fazer isto», disse o papá, depois de um balanço e de ter falhado a bola. A mamã apareceu ao lado dele e murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Eu ganhei balanço para a bola seguinte, depois de ela já ter passado acelerada pelo lugar do batedor. «Nesta altura, já devias saber que não podes contar com ele», disse o meu pai à minha mãe. «Miranda», gritou ele para mim «mantém-te atenta!».

«Ele prometeu que vinha», ouvi a mamã sussurrar.

«Não vamos falar sobre isso agora», murmurou ele em resposta.

«Ele não devia fazer promessas, se não tenciona cumpri-las.»

«Suze, agora não.»

Tentei concentrar-me no cotovelo levantado, nos joelhos descontraídos, tal como o papá me tinha ensinado, mas a conversa sussurrada deles distraía-me. Só havia uma pessoa que os fazia segredar daquela forma. Eu detestava quando falavam assim do Billy, como se estivessem a tentar proteger-me dele, como se ele fosse alguém de quem eu precisasse de ser defendida. Afastei-me da máquina que lançava as bolas e dirigi-me para junto dos meus pais. Estavam encostados ao recinto, a olhar fixamente um para o outro.

Ouvi o impacto antes de o sentir. Um estrondo inacreditavelmente ruidoso e, a seguir, o meu ombro começou a arder. Gritei, caindo no chão. Outras duas bolas passaram por cima da minha cabeça com um silvo. O papá gritou, a pedir para alguém desligar a máquina, e ele e a mamã correram para dentro do recinto.

«Minha querida, estás bem?» A mamã retirou-me o capacete e afastou-me o cabelo transpirado da testa. A dor tinha-me deixado

sem fôlego. Estava a arfar, deitada no chão frio de cimento, sem conseguir responder. «Miranda, fala comigo», insistiu ela, um bocadinho frenética demais.

«Estou bem», respondi, entre respirações esforçadas. «Acho que só preciso de comer um pouco de bolo.»

Numa situação normal, aquilo tê-los-ia feito rir, todavia, eles continuaram a trocar olhares preocupados e desiludidos entre si, como se o vergão que me estava a crescer no ombro também fosse, de algum modo, culpa do Billy. A minha mãe olhou para o meu pai, furiosa, e afastou-se muito depressa na direção do salão do concessionário, para ir buscar o bolo de aniversário.

«A mamã está bem?» perguntei ao meu pai, ao mesmo tempo que a víamos falar com a adolescente que estava atrás do balcão.

«Nada que um pouco de bolo não resolva», respondeu o papá, afagando-me o cabelo.

Depois de o bolo ter sido devorado e de o saco de gelo que a minha mãe me obrigou a segurar sobre o ombro se ter derretido pela parte da frente da minha t-shirt abaixo, juntei-me aos meus amigos que estavam no salão de jogos, ignorando as dores agudas que me desciam pelo braço enquanto eu lançava a *skee-ball* pelo seu percurso estreito no sentido ascendente. Entre lançamentos, espreitava para os meus pais. Estavam a limpar os restos do bolo de aniversário, com a minha mãe a esfregar furiosamente a toalha de plástico, até o meu pai a puxar para longe da mesa e a abraçar. Afagava-lhe a cabeça enquanto lhe murmurava ao ouvido. Eu não conseguia perceber por que razão ela estava tão triste. O Billy muitas vezes não aparecia quando dizia que o faria. Na verdade, nem sequer me conseguia lembrar da última vez que ele comparecera a uma das minhas festas de aniversário. Se um tremor de terra atingisse o Japão ou a Itália, ele entraria no primeiro avião com os outros sismólogos, engenheiros e sociólogos. Normalmente, não tinha tempo de nos avisar que ia partir. Em vez de desiludida, sentia-me orgulhosa. O meu tio era importante. O meu tio salvava vidas. A mamã ensinou-me a vê-lo dessa forma. Após um recital ou um debate, um churrasco de domingo

sem o Billy, dizia-me: «O teu tio gostava de estar aqui, mas está a fazer do mundo um lugar mais seguro.»

Ele era o meu super-herói. O Capitão Billy, que salvava o mundo não com poderes sobre-humanos, mas com um cérebro superior. Mesmo quando eu já era demasiado crescida para acreditar em super-heróis, continuava a acreditar no Billy. Pensava que a mamã também acreditava nele, contudo, ali estava ela, a chorar por causa de uma festa de aniversário.

EU E A MINHA MELHOR AMIGA, A JOANIE, FOMOS DEITAR-NOS CEDO NESTA noite. Eu estava meio a dormir e tonta, todavia, a campainha a tocar era uma realidade, as deslocações em bicos de pés no andar inferior, os murmúrios. Esgueirei-me para fora da cama, em direção ao corredor, onde avistei a mamã junto da porta de entrada, lá em baixo, com o roupão de cetim aconchegado ao seu corpo diminuto. O Billy estava do lado de fora, no alpendre.

Comecei a correr para as escadas, pronta para saltar para o colo dele. Estava a começar a ficar demasiado grande para o fazer, mas pensava que mesmo quando fosse adulta iria continuar a saudá-lo desse modo, partindo-lhe a coluna com o meu afeto. Quando cheguei ao cimo das escadas, as palavras da minha mãe assustaram-me.

«Que raio se passa contigo? São 3 horas da manhã.» Fiquei paralisada. A minha mãe raramente levantava a voz. Nunca praguejava. «Tens cá um descaramento, a aparecer assim, a meio da noite e a culpar-me. Que grande lata!»

Fiquei imobilizada no cimo do corrimão. A fúria dela era enorme, como nunca lhe tinha visto.

«Foste tu que fizeste as coisas assim», ela tentava falar baixo. «Estás a ouvir? Foi uma escolha tua. Não te atrevas a atirar com as culpas para cima de mim.»

O Billy virou costas enquanto a mamã continuava a gritar por causa das horas, dizendo-lhe que ele era um estúpido, e algo como narcisista e outros nomes que eu não percebia. Quando ele me viu

no cimo das escadas, tinha as faces vermelhas e os olhos sem expressão. A mamã seguiu o olhar dele até mim. O seu rosto estava pálido e, de repente, pareceu-me muito envelhecida. Os meus olhos deslocaram-se entre aqueles dois rostos expressivos. Não estavam a discutir por causa do meu aniversário. Tinha acontecido outra coisa.

«Querida, volta para a cama», gritou-me a minha mãe. Ao ver-me parada, sem reação, acrescentou: «Por favor.»

Precipitei-me de volta ao meu quarto, perturbada e inexplicavelmente envergonhada com o que tinha visto.

A Joanie mexeu-se, quando me ouviu trepar para a cama, ao lado dela.

«Que horas são?»

«Já passa das três.»

«Porque é que veio cá alguém a estas horas?»

«Não sei.»

A Joanie virou-se para o lado oposto, balbuciando incoerências. Eu não consegui voltar a adormecer. As palavras da mamã davam voltas na minha cabeça — *que grande lata... estúpido... não te atrevas a atirar com as culpas para cima de mim. Foi uma escolha tua...* A luz do Sol começou a entrar através das cortinas, quando a madrugada deu lugar à manhã. Eu permanecera acordada a noite inteira, e mesmo assim, continuava sem descobrir que escolha tinha o Billy feito, que culpa assacara ele à minha mãe, o que é que testemunhara na porta da entrada.

MAIS TARDE, NESSA MANHÃ, O PAPÁ LEVOU-NOS A MIM E À JOANIE A COMER panquecas.

«Onde está a mamã?» perguntei ao meu pai, quando entrávamos no carro.

«Vai ficar a dormir até mais tarde.» A minha mãe nunca se levantava depois das 7 horas, mas a verdade é que o tom com que o papá falou desincentivou-me a fazer mais perguntas.

Quando voltámos do pequeno-almoço, a mamã ainda estava de roupão de cetim, com o cabelo castanho-avermelhado emaranhado em volta do rosto enquanto colocava pepitas de chocolate na massa das bolachas. Geralmente, o cantar era um ingrediente essencial de qualquer das suas receitas. A voz melíflua da mamã entretecia-se na tarte ou na lasanha, tornando as cerejas ou os tomates mais doces. À medida que continuava a bater a massa das bolachas repetidamente, a cozinha estava dolorosamente silenciosa.

Levantou os olhos, quando se deu conta de que eu estava à entrada. Tinha os olhos inchados, e as faces ainda sem cor. «Como foi o vosso pequeno-almoço?»

«O papá deixou-nos pedir três tipos diferentes de panquecas.»

«Ai deixou?» Voltou a concentrar-se na taça que continha a massa das bolachas. «Que simpático da parte dele!»

Eu queria que ela comesse a cantar, que saísse do seu próprio transe. Ela continuava a observar a massa a bater contra as partes laterais da taça e eu perguntei-me se as bolachas iriam ficar tão saborosas sem o ingrediente secreto dela.

NÃO HOUVE NOTÍCIAS DO BILLY DURANTE ALGUMAS SEMANAS, ATÉ ELE APARECER e me levar a passear, como presente de aniversário. Não fazia a mínima ideia de onde iríamos. Era isso que era divertido ao passar um dia com o Billy. Fosse quais fossem as atividades que eu tivesse proposto — passar a tarde no paredão ou no Six Flags —, não teriam suscitado nem metade do entusiasmo de qualquer das aventuras que ele tivesse imaginado.

As respirações ofegantes do velho *BMW* do Billy ecoavam pela casa. Aguardei os sons familiares da porta do carro dele a fechar-se, da minha mãe correr para o ir receber à porta da frente, cobrindo-o de perguntas. Aonde íamos? Iriam lá estar outras crianças? Haveria precipícios ou grandes alturas dos quais eu pudesse cair? Cintos de segurança? Coletes salva-vidas? Parecia nunca ficar completamente satisfeita com as respostas dele.



Nessa tarde, o Billy buzinou e a mamã gritou por trás da porta fechada do quarto: «O Billy já chegou.»

«Não queres ir cumprimentá-lo?», gritei-lhe.

«Hoje não», berrou ela em resposta.

Hesitei antes de sair de casa. A porta do quarto da minha mãe continuava fechada. De qualquer forma, também não era importante. O Billy não tocou à campainha, ficou à espera dentro do carro, com o motor a funcionar.

«Cá está a minha menina preferida», disse o Billy, quando entrei no carro. Dizia-me sempre aquilo. Se os meus pais dissessem algo tão meloso, eu teria ficado envergonhada. Com o Billy, fazia-me sentir a menina que ainda queria ser, mas que, com 12 anos, sabia que já não era. Desimpedimos a entrada da minha garagem, e a minha casa foi ficando cada vez mais para trás. Perguntei-me se a mamã nos estaria a observar da janela do quarto.

«Mem imaginas a surpresa que tenho para ti», o Billy lançou-me um dos seus sorrisos desmedidos. Observei-lhe o rosto, tentando detetar nele quaisquer sinais da tensão que vira no da mamã. O Billy parecia satisfeito, animado.

«Uma surpresa?» Embora nunca o admitisse à Joanie, uma surpresa do Billy representava uma emoção ainda maior do que roubar batom na droguaria, uma agitação muito maior do que conduzir a grande velocidade pela autoestrada com as irmãs mais velhas da Joanie.

«Procura-me aí uma coisa», o Billy apontou para o porta-luvas, dentro do qual havia um envelope preto, em cima do registo automóvel. Era do tamanho certo para lá caberem bilhetes para os Universal Studios ou para um concerto no Hollywood Bowl, contudo, o Billy nunca me teria oferecido um presente de forma tão simples. Não seria divertido. Eu tinha de conquistar os presentes dele através da resolução das pistas que ele me dava.

Rasguei o envelope e li o enigma em voz alta: «A minha bandeira é vermelha, branca e azul, apesar de não ser uma terra a que chames tua. Podes pensar que sou um *lozh'*...» — não sabia como

pronunciar aquela palavra — «... mas, no meu ponto mais próximo, estou a cerca de quatro quilómetros de solo americano.»

«França?», tentei adivinhar. O Billy olhou-me de modo dúbio. «Canadá?»

«A bandeira do Canadá só tem vermelho e branco. Está a ficar mais quente ou devo dizer mais frio, muito, muito mais frio.»

«Rússia?», perguntei com incerteza.

«*Vernvy!*», disse ele, com o seu melhor sotaque russo.

«Vai levar-me à Rússia? Houve lá algum terramoto?» Imaginei-nos, a mim e ao Billy, com chapéus de pelo de carneiro, a caminhar pelo meio da neve, para inspecionarmos os danos sofridos numa cidade remota.

«Penso que a tua mãe me mandaria cortar a cabeça, se eu fizesse isso», respondeu o Billy.

Com a menção à minha mãe, eu e o Billy guardámos silêncio. Sabia que ambos estávamos a recordar-nos do momento em que os nossos olhos se tinham cruzado enquanto ele discutia com ela a meio da noite.

«Está tudo bem entre ti e a mamã?»

«Nada com que tenhas de te preocupar.» Fez uma pausa, começou a dizer qualquer coisa, depois fez mais uma pausa, antes de estacionar diante de um edifício, na Venice Boulevard, que parecia condenado. «Agora, vamos lá tentar descobrir a que se refere essa pista.»

«É aqui que vamos?», perguntei, contando as janelas entaipadas da fachada da loja. Habitualmente, as aventuras dele envolviam parques estatais e picos de montanhas, praias isoladas. «Alguma coisa naquele edifício tem que ver com a Rússia?»

«*Vernvy!*», ele saltou do carro e fez uma vénia, apontando para a porta de entrada de metal. Estava destrancada e ele abriu-ma.

«Podemos estar aqui?», hesitei, espreitando para o interior escuro por trás dele. «Parece estar fechada.»

«Hoje não está aberta, mas o gerente deve-me um favor. É sempre mais divertido termos um museu só para nós, não te parece?»

entrou e fez-me sinal para o seguir. «Confia em mim», gritou. Confia em mim. Era o mantra dele. E eu confiava sempre.

A porta de entrada estava tenuemente iluminada. Estantes de vidro revestiam as paredes austeras. Ouvia-se ópera a emanar baixinho de colunas ocultas. A estante ao lado da porta estava repleta de morcegos, toupeiras e outros pequenos roedores embalsamados. A estante seguinte continha pedras preciosas reluzentes.

«Foi feito à imagem dos museus de raridades do século XIX», explicou o Billy. «Ciência, arte e natureza expostas em conjunto, para uma mente bem torneada. Uma *wunderkammer*<sup>1</sup>, se quiseres.»

«Uma *wunderkammer*», testei a palavra na minha boca, à espera de que a sua magia me invadisse. Os olhos do Billy desviaram-se para uma estante no canto oposto da divisão. Estava cheia de figurinhas em miniatura, elefantes pintados, palhaços, um diretor de circo, acrobatas. A vitrina tinha uma etiqueta com o nome «O Circo Russo».

Espreitei lá para dentro à procura de algo errado, uma figurinha que não pertencesse ali, um enigma escrevinhado na tenda do circo. Sem dúvida, a pista seguinte estava colada à parte posterior da vitrina.

Tal como o tecido do meu nome, o meu título é humilde e, contudo, nobre. Não recebi o nome da lã áspera que uso, mas da nascente de um rio em Northumberland.

O Billy riu-se quando viu a minha expressão perplexa. Afagou-me a cabeça e levou-me para a divisão seguinte. Era tão espantosa quanto a primeira era escassa. As paredes estavam cobertas de representações detalhadas de cães em molduras excessivamente ornamentadas. Havia um retrato de uma pessoa, uma pintura desbotada de um homem de barba e cartola, denominado barão Tweedmouth. Ao lado do seu retrato, uma plaquinha apresentava a sua história resumida, um homem de negócios escocês e membro da Câmara dos Comuns.

---

<sup>1</sup> Sala de maravilhas. [N. T.]

«Diz-se...», afirmou o Billy, «... que, em 1858, Lorde Tweedmouth foi a um circo russo onde assistiu a um número fantástico com cães pastores russos. Depois do espetáculo, fez uma proposta de compra de dois cães, no entanto, o diretor do circo recusou separar a trupe. Assim, conta-se que Tweedmouth os comprou todos e fez criação daqueles cães pastores para criar o *retriever*», o Billy apontou para um armário de arquivo que estava ao lado do retrato. «Abre-o. Faz parte da exposição.» Percorri as reproduções dos documentos do barão Tweedmouth, bastante certa de onde aquilo me ia levar. Era o que adorava nas aventuras do Billy. Apesar de adivinhar sempre onde a busca ia parar antes de lá chegarmos, ele recusava-se a deixar-me saltar etapas. O Billy impediu-me, quando pus de parte uma cópia dos registos de reprodução do barão. «Os historiadores descobriram estes registos na década de 1950 e perceberam que o circo russo era um mito», o Billy apontou para uma descrição do faro apurado de um *retriever*. «Estás a ver aqui? Os *retrievers* já eram utilizados em buscas antes de 1858, por isso, Lorde Tweedmouth não poderia ter reproduzido cães pastores russos para criar o *retriever*», o dedo dele continuou a descer pela página, traçando a linhagem dos cães de Tweedmouth. «Em vez disso, reproduziu os *retrievers* que já tinha, para criar o companheiro de caça perfeito.»

«Isto significa o que julgo que significa?», dancei como se precisasse de urinar.

«Depende do que julgas que significa.»

Voltei os registos de procriação e encontrei a pista seguinte escrita no verso.

Não me digas que sou uma beleza, uma deusa, a mais bela de todas.

Pode parecer-te que estes nomes de animais de estimação são todos iguais, mas apenas um tem um certo toque.

Examinei cada um dos retratos até localizar uma cadela *tweed water spaniel* chamada *Belle*. Ao lado do retrato, uma pequena placa

explicava que *Belle* tinha sido cruzada com *Nous*, um *retriever* de pelo amarelo, para criar o *golden retriever*.

«Não pode ser!», gritei. «Não acredito!», desatei aos pulos, a abraçar o Billy, a berrar de modo pouco inteligível.

«Calma!», avisou-me o Billy. «Primeiro tens de a encontrar.»

Vasculhei aquela divisão atulhada de objetos, à procura de um envelope que podia conter a pista seguinte. Na parede oposta, havia uma fotografia de um *golden retriever* atual pendurada entre os antepassados. A moldura preta e simples sobressaía da parede. Enfiei a mão pelo espaço vazio e retirei uma ficha catalográfica. Continha um endereço na Culver Boulevard.

No exterior, não esperei que os meus olhos se adaptassem à luz, comecei a andar por Venice, passando por outras fachadas de lojas que apresentavam o mesmo aspeto condenado, bem como oficinas de carroçarias automóveis.

«Miranda, vai mais devagar», gritava o Billy, arfando, enquanto corria para me acompanhar.

Nos semáforos entre a Culver Boulevard e Venice, comecei a correr sem sair do lugar, como um corredor que está a tentar manter os batimentos cardíacos acelerados.

«Um cão, um cão, um cão, um cão», repeti. Os semáforos mudaram de cor e eu desatei a correr para o outro lado da rua.

O riso do Billy seguia-me, quando passámos a correr pelo hotel histórico, pelos restaurantes que ladeavam a Culver Boulevard. O endereço — uma loja de animais que vendia periquitos — ficava alguns quarteirões mais abaixo.

«O proprietário também é criador de *goldens*», explicou-me o Billy, enquanto recuperava o fôlego.

Lá dentro, a loja cheirava ligeiramente a nozes. Estava um homem grande e calvo atrás do balcão a ler o jornal. Quando nos viu, desapareceu por trás da máquina registadora, voltando com uma cadelinha *golden retriever*. Retirei-lhe cuidadosamente a cadela das mãos. O corpo dela estava morno e emanava um odor doce a ceileiro. A princípio, estava sonolenta. Quando a aninhei no meu peito

e encostei a face ao seu pelo sedoso, despertou, dando-me beijos peganhentos. Fiz os possíveis para a segurar, mas ela estava demasiado entusiasmada para permanecer no abraço. O proprietário sugeriu que a deixasse correr pela loja. Vimo-la farejar os cantos empoeirados e precipitar-se sobre as bases metálicas das gaiolas dos pássaros. O Billy colocou-me o braço sobre os ombros, e eu estava pronta a dizer-lhe que ele era, sem qualquer sombra de dúvidas e em absoluto, a minha pessoa preferida à face da Terra. Depois, lembrei-me da minha mãe.

«Falaste com a mamã? Ela não se importa?»

O Billy pegou na cadela, rindo-se, enquanto ela se lançava sobre o rosto dele. «Como é que a tua mãe poderia recusar uma coisinha destas?»

«A sério, tio Billy. Ela disse que eu não podia ter um cão.»

«Tu queres ter um cão, não queres?»

«Mais do que qualquer outra coisa.»

O Billy pousou a cadela no chão e colocou-me o braço em volta dos ombros. «Por vezes, a tua mãe precisa de uma ajudinha para ver as coisas com mais clareza. Quando ela vir como tu adoras esta cadelinha, não a vai recusar. Confia em mim, está bem?»

No preciso momento em que ele disse «Confia em mim», soube que não o devia fazer. A mamã nunca me iria deixar ficar com a cadela. Ainda assim, eu queria acreditar no poder do Billy, na magia de que tudo iria correr bem, simplesmente porque ele prometera que iria ser assim. E também queria que a minha mãe acreditasse nisso.

«A JOANIE VAI FICAR COM TANTA INVEJA», VANGLORIEI-ME NO REGRESSO A CASA. «Uma cadelinha. Uma bendita cadelinha. Tio Billy, este é o melhor presente de aniversário que já recebi.»

Estacionámos em frente à minha casa e o Billy segurou na cadelinha enquanto eu retirava os mantimentos dela do assento traseiro. Quando fui pegar nela, ele não a largava. Estava a fazer-lhe festas atrás das orelhas, subitamente com um ar sério. «Lamento que tenhas tido de assistir àquilo entre mim e a tua mãe.»

«Não é grave», disse eu, com incerteza.

«É grave, sim», afirmou. A cadela contorceu-se nas mãos dele. «O problema é entre mim e a tua mãe, seja o que for que aconteça, só quero que saibas que não tens culpa de nada.» Tentei pegar na cadela, para fugir para dentro de casa e fazê-lo parar de falar, só que ele estava a agarrá-la com muita força. Não me ocorrera que pudesse ter culpa de alguma coisa, até ele o ter mencionado. «Basta que a mantinhas longe dos sapatos da tua mãe e ela não lhe vai conseguir resistir.» Entregou-me a cadelinha. «Até breve.» E decidi acreditar mais naquelas palavras do que nas de mau agouro que as tinham precedido. Iríamos ver o Billy em breve. Tudo iria ficar bem.

«Mamã!», gritei, ao mesmo tempo que corria para dentro de casa. «Mamã, anda cá depressa, não vais acreditar no que o Billy me ofereceu.»

A minha mãe abriu a porta do quarto de repente e correu para o corredor que ficava por cima da sala de estar. Estava de roupão. Tinha olheiras profundas que quase lhe engoliam os olhos. «Credo, Miranda.» Levou uma mão ao peito. «Assustaste-me. Pensei que tinha acontecido alguma coisa de mal.»

«Olha», mostrei-lhe a cadelinha.

O silêncio imobilizou-lhe o rosto à medida que os seus olhos se deslocavam entre mim e a cadela, que estava a ganir.

«Não podes ficar com ela», a minha mãe desceu as escadas muito depressa e tirou-me a cadela das mãos. «Vamos devolvê-la imediatamente.»

«Ainda nem sequer a conheceste.» A cadela lambeu a face da minha mãe. «Estás a ver, não é tão amorosa?»

«Sabes bem que não tem nada que ver com isso», disse a minha mãe. A cadelinha continuou a ganir.

«Pensei que quando a visses, irias mudar de ideias.»

«Miranda, já falámos sobre isto. Todos estamos demasiado ocupados para cuidarmos de um cão.»

«Eu tomo conta dela sozinha. Não vais ter de fazer nada.»

«É uma responsabilidade demasiado grande», lembrou ela.

«Eu já não sou nenhuma criança. Não preciso que me digas o que implica uma grande responsabilidade», o tom com que falei chocou-nos a ambas. A minha mãe esperou que me acalmasse. Quando se tornou evidente que ela não iria assumir o compromisso, subi as escadas a bater com os pés e a gritar. «Nunca me deixas fazer nada!» Sabia que estava a exagerar, a comportar-me prematuramente como uma adolescente temperamental, mesmo assim, bati com a porta com tanta força que o chão do meu quarto tremeu.

A minha mãe abriu a porta de rompante. «Não batas com a porta.» Tinha uma voz calma, os seus olhos dourados límpidos e furiosos. «Quebraste as regras. Sabias que não estavas autorizada a ter um cão. Não tens o direito de fazer esta birra.»

Eu sabia que ela tinha razão, mas estava naquela idade em que me era indiferente se ela estava certa, se isso significasse que eu não poderia fazer o que pretendia.

«Onde está a cadela?» Ela já não a trazia ao colo.

«Raios!» A minha mãe correu pelas escadas abaixo e sussurrou para a cadelinha. «Miranda... », gritou ela para mim, «... onde é que o Billy te levou para irem buscar a cadela?»

«Não te vou dizer», berrei. Quando ela não me respondeu de volta, admiti: «A uma loja de animais em Culver City», não lhe disse que era uma loja de pássaros.

Depois de a minha mãe ter saído com a cadela, telefonei ao Billy para lhe contar o que tinha acontecido. Ele não atendeu o telefone do carro, por isso, tentei ligar para o de casa.

«Não vais acreditar», gritei para o atendedor de mensagens. «A minha mãe obrigou-me a devolver a cadela. É uma grande cabra.» Depois de desligar, sentia-me como se me tivessem dado um murro no estômago. Nunca tinha chamado cabra à minha mãe. Disse-o outra vez para a nossa casa vazia. *És uma grande cabra!* Continuei a repeti-lo, na esperança de que me pudesse parecer justo. Não aconteceu.

Fiquei a tarde inteira no meu quarto. Ouvei a minha mãe chegar a casa. Ouvei o meu pai a regressar do clube de ténis. Ouvei-os a falar



na cozinha. Sabia que ela lhe estava a contar o que tinha acontecido, que o papá viria cá acima agir como mediador.

Às 18h30, o meu pai bateu à minha porta.

«Não tenho fome.»

O meu pai abriu a porta e sentou-se na cama ao meu lado. «Sei que estás triste. Já falámos sobre este assunto. Não é a altura certa para termos um cão.»

«Isso é tre...», o meu pai lançou-me um olhar. «Nunca vai ser a altura certa.»

«Talvez não. Tens de respeitar isso, Mimi. Somos uma família. Tomamos decisões em conjunto. Porque não vens para baixo? Vamos comer um bom jantar. Parece-me que vai ser melhor para todos», acenou com a cabeça na minha direção num tom aprovador, um gesto que lhe conhecia bem. Eu ia tomar a decisão certa. Não o iria desiludir.

À mesa, observei a minha mãe a debicar o peito de frango sem comer nada, sem saber o que lhe dizer. Queria pedir-lhe desculpa por a ter chamado cabra, ainda que ela não tivesse ouvido.

No entanto, foi ela quem quebrou o silêncio: «Lamento que tenhamos discutido. O Billy não te devia ter posto nessa posição. Não foi justo da parte dele.»

Espetei o garfo num pedaço de frango e meti-o na boca, mastigando agressivamente. Então, era assim que ela queria fazer as coisas. A culpa não era minha. Seguramente também não era dela. Era do Billy. Tinha escolhido comprar-me a cadela, tal como escolhera fazer o que quer que fosse de que ela o culpara na noite da minha festa de aniversário.

«Então, isto também foi uma escolha do Billy? Estás a dizer que não te devia culpar?», nunca esquecerei a expressão magoada no rosto da minha mãe, quando se deu conta de que me estava a referir à discussão que tinha ouvido antes, de que estava a utilizar as palavras dela contra ela.

«Não tem que ser culpa de ninguém», disse o meu pai. «Todos podemos assumir a responsabilidade pelos nossos atos.»

«Peço desculpa por ter batido com a porta», disse eu, embora os estragos já estivessem feitos. A minha mãe consentiu o meu pedido de desculpas, aceitando o que tinha mudado durante aquele jantar.

MAIS TARDE NESSA NOITE, VOLTEI A LIGAR AO BILLY.

«Eu e a minha mãe... acabou-se», gritei para o atendedor dele. «Vou ficar zangada com ela para sempre.»

Quando o Billy não me respondeu à mensagem, imaginei que, provavelmente, ele não queria correr o risco de a minha mãe atender, se ele me ligasse. Tentei voltar a falar com ele no dia seguinte. Ele não atendeu, por isso, disse ao atendedor dele: «Vou ligar amanhã, exatamente às 16h15. Vê lá se estás em casa para podermos falar.»

Na tarde seguinte, ele continuava a não estar lá. O único outro lugar onde eu sabia que o poderia encontrar era na Livraria Próspero.

Além do seu trabalho relacionado com tremores de terra, o Billy era proprietário de uma livraria de bairro, não no seu, em Pasadena, mas em Silver Lake, Los Angeles. O Billy dizia que a sismologia era o seu verdadeiro emprego e a livraria o seu emprego divertido. Quando lhe perguntei porque é que não transformava o emprego divertido no verdadeiro emprego, ele disse que tinha a responsabilidade de proteger as pessoas, porque sabia como retirar conhecimentos dos terremotos, que outras pessoas desconheciam.

Nas tardes em que não tinha planeado uma caça ao tesouro, levava-me para a Livraria Próspero e a loja constituía o seu próprio tipo de aventura. Andávamos por entre o labirinto de estantes e o Billy dizia-me para escolher um livro, qualquer um, todavia, para escolher sensatamente, uma vez que só teria direito a um. Foi lá que descobri a *Ana dos Cabelos Ruivos*, a Mary Lennox e, mais recentemente, a Kristy, a Claudia, a Stacey e as suas amigas, de *O Clube das Baby-Sitters*.

Uma voz masculina que não era a do meu tio atendeu o telefone: «Livraria Próspero, onde os livros são mais apreciados do que um ducado.»

Provavelmente, era o gerente, o Lee, mas não me apetecia ter de entabular uma conversa com ele acerca de ele não conseguir acreditar que eu ainda não lera *Are You There God? It's Me, Margaret*<sup>2</sup>.

«O Billy está?»

«Penso que está no laboratório. Está a pensar passar por cá no domingo. Deseja deixar uma mensagem?»

Desliguei antes de o Lee perceber que era eu.

Faltavam cinco dias para domingo. Não podia esperar tanto tempo, por essa razão, tentei ligar outra vez para casa dele, à noite, depois de a minha mãe se ter ido deitar e enquanto o meu pai estava na sala a assistir ao noticiário.

«Billy? É a tua menina preferida», anunciei pateticamente para o atendedor de chamadas automático dele. «Tens recebido as minhas mensagens? Preciso mesmo de falar contigo.»

Após mais algumas mensagens, comecei a entrar em pânico.

«Tentei ficar com a cadela», argumentei para o atendedor automático. «Tens de acreditar em mim. Fiz tudo o que podia. Conheces a mamã. Sabes como ela é. Por favor, não te zangues comigo. Liga-me.» Ele não me devolveu as chamadas telefónicas e, no fim de semana, sabia que voltar a telefonar-lhe não serviria de nada. O silêncio do Billy falava mais alto do que as palavras. Não voltaria a estar presente nos nossos churrascos de domingo, nem agora, nem nos tempos mais próximos. Não voltaria a vir buscar-me para mais nenhuma aventura.

Decidi que tinha de ir falar com ele pessoalmente. Ele não conseguiria olhar-me nos olhos e banir-me da vida dele. Sabia onde ele iria estar no domingo. Sabia que o poderia encontrar na Livraria Próspero.

A JOANIE AJUDOU-ME A ESTUDAR O PERCURSO ATÉ AO OUTRO LADO DA CIDADE. Silver Lake quase podia ser São Francisco, tendo em conta a quantidade de autoestradas que era preciso percorrer para lá chegar.

---

<sup>2</sup> Livro de Judy Blume, publicado em 1970. [N. T.]

O autocarro seguia o percurso residencial até ao fim da Santa Monica Boulevard onde este terminava, no Sunset Junction. Não era preciso mudar de autocarro. Se tudo corresse bem, necessitaria de uma hora e meia para lá chegar.

Disse à minha mãe que iria ficar em casa da Joanie, onde a supervisão consistia das irmãs adolescentes dela, que estavam quase sempre fechadas nos quartos. Já lá tinha ido vezes suficientes sem que nada de terrível tivesse acontecido e, por esse motivo, a minha mãe deixara de ligar à mãe da Joanie para se certificar de que ela estava em casa.

Antes de subir os degraus do autocarro, a Joanie envolveu-me num abraço. «Tens a certeza de que vais ficar bem? Não te esqueças, quando o autocarro passar por Vermont, ainda te faltam mais duas paragens.»

«Obrigada, mamã», respondi sarcasticamente, e ela pôs-me a língua de fora.

O autocarro não estava tão cheio como eu imaginara. Encontrei uma fila vazia e sentei-me junto da janela. O trânsito estava lento ao longo da Santa Monica Boulevard, quando passámos por Beverly Hills em direção a West Hollywood e aos blocos de apartamentos mais tristes de Hollywood. Na Hyperion, saí do autocarro e segui até ao sinal do Sunset Junction, fingindo ser a filha de um artista ou de um músico, o tipo de criança que cresceu em Silver Lake. Próspero mantinha-se de cabeça erguida, na placa por cima da livraria, com o bastão na mão direita, um livro na esquerda, uma capa púrpura e o cabelo branco empurrado para trás, pelo vento. Detive-me diante da loja, olhando para a montra repleta de livros. Estava nervosa, como sempre acontecia quando via as paredes verde-lima da loja. Tinha uma relação com aquele lugar que mais ninguém tinha, mesmo os que lá iam todas as semanas, todos os dias. O Billy não dizia a mais ninguém para escolher um livro, qualquer livro, de graça, como se os livros estivessem simplesmente à espera deles. Empurrei a porta, segura de que iria ver o Billy e de que tudo iria ficar bem.

A Livraria Próspero não era um estabelecimento grande, mas com os seus tetos altos e as estantes bem espaçadas, parecia ampla, até mesmo espaçosa. Tinha um cheiro característico, diferente do da casa do Billy em Pasadena, distinto do de qualquer outra livraria. A simplicidade do papel acabado de cortar misturada com o perfume de almíscar branco das meninas bonitas que frequentavam a loja e um rasto de café que era quase floral.

«Miranda?», disse o Lee, quando me viu à porta. «Que bela surpresa. O Billy está contigo?»

«Pensei que ele estivesse aqui.» Não via a pasta de couro do Billy por baixo da cadeira da secretária dele, nem a caneca com a Falha de Santo André a dividir a Califórnia como uma cicatriz, sobre nenhuma das mesas da cafetaria.

Conseguia sentir o Lee a observar-me. Não o olhei nos olhos, porque já sabia o que ele ia dizer.

«De certeza que ele deve estar a caminho», disse o Lee. «Deixa-me telefonar-lhe.»

O Lee disse à empregada da cafetaria para me servir o que eu quisesse. Ela piscou-me o olho, quando me entregou uma enorme bolacha com pepitas de chocolate, como se fosse uma espécie de segredo entre nós. Levei a bolacha para uma mesa no canto oposto e fiquei a observar o Lee, atrás do balcão, enquanto ele falava ao telefone. Ele ergueu os olhos e deu conta de que eu o estava a observar, com uma expressão contraditória a contorcer-se no rosto dele.

«O Billy não pode cá vir hoje», disse ele, quando se sentou à minha mesa. «Disse-me para ligar à tua mãe. Ela está a caminho.»

«Telefonou à minha mãe?» As mentiras davam voltas na minha cabeça. Queria trazer o último volume de *O Clube das Baby-Sitters*. O papá disse que eu podia vir. Eram mentiras óbvias, que só iriam deixar a minha mãe ainda mais zangada. Tinha-lhe dito que estava em casa da Joanie, depois tinha apanhado o autocarro para Silver Lake, quando nem sequer estava autorizada a andar de autocarro no nosso quarteirão. Tinha ido visitar o meu tio, apesar de saber que eles estavam zangados. Desobedecera-lhe completamente. Estava

mais do que condenada. Iria ficar de castigo para sempre. Contudo, isso não era o pior. O que me estava a deixar verdadeiramente destroçada era o Billy não me querer ver. Refreei as lágrimas. Tinha 12 anos, o que significava que era quase uma adolescente, que era quase uma adulta. Era demasiado crescida para chorar.

«Então?», perguntou o Lee, ao reparar que eu estava a chorar. «O que dizes de irmos os dois escolher um livro? Gostavas?»

«Está bem», respondi, embora não quisesse escolher um livro, nenhum livro, não com o Lee. Segui-o até à secção da ficção para adolescentes, onde as lombadas eram de cores vivas, e os títulos pareciam desfocados por causa das minhas lágrimas. O Lee mostrou-me alguns romances policiais, de R. L. Stine e de Christopher Pike, que não eram do tipo de livros que normalmente ele tentava que eu lesse. Abanei a cabeça a cada uma das propostas. Tinha imaginado que na altura em que concluísse os estudos secundários já teria lido todos os livros da Livraria Próspero. Agora, nunca mais queria ler nenhum deles.

O Lee teve de telefonar a um cliente, por isso, eu voltei à minha bolacha com pepitas de chocolate, sem qualquer livro na mão. Parti a bolacha em vários pedaços, depois parti os pedaços em pedacinhos, bastante desanimada para comer.

As mesas à minha volta ficavam vazias e voltavam a encher-se de pessoas. O Lee continuava atrás do balcão. De vez em quando, punha-se de pé e espreitava para a cafetaria, para se certificar de que eu ainda lá estava. O céu começou a escurecer, e eu preocupada que a minha mãe estivesse tão furiosa comigo que tivesse desistido de me vir buscar.

O sino da porta soou, o que me pareceu acontecer várias horas mais tarde. Ergui os olhos e deparei com a minha mãe a olhar para as mesas cheias de pessoas. Uma expressão de alívio inundou-lhe o rosto assim que me viu. Quando os nossos olhares se cruzaram, esqueci-me de que estava zangada e corri para os braços dela. Absorvi o calor e o odor doce, a lilás, da pele dela, sentindo-me uma criança e sem me preocupar com quem pudesse estar a assistir.

«Peço muita desculpa.»

Ela beijou-me a testa. «Estou contente que estejas bem.»

Nesse momento, percebi que o meu plano estava condenado desde o início. Mesmo que o Billy estivesse na Livraria Próspero, tinha optado por não me devolver as chamadas. Ali estava eu, a culpar a minha mãe, quando tinha sido ela a vir em meu socorro, e não o Billy.

AO LONGO DA AUTOESTRADA, CONSEGUIA PERCEBER QUE A MINHA MÃE ME queria explicar porque é que eu tinha sido tão tonta, como Silver Lake era uma zona perigosa e de como algo poderia ter corrido terrivelmente mal. Em vez de o fazer, perguntou-me: «O que esperavas que fosse acontecer, se o Billy lá estivesse?» Não falava com um tom irritado, apenas curioso.

«Não sei», admiti eu. «Quero que vocês façam as pazes.»

«As coisas nem sempre são assim tão simples com os adultos.»

«Porque não?»

As mãos da mamã agarraram o volante com mais força.

«Eu e o Billy temos uma relação complicada.»

«Mas... estás a falar de quê? O que aconteceu quando eu vos vi a discutir?»

O rosto dela suavizou-se, quando desviou a atenção da estrada para mim. «É muito difícil explicar.»

«Podes tentar?», sustive a respiração. Aquela era a oportunidade para a minha mãe me contar a sua versão da discussão. Estava disposta a acreditar em qualquer coisa que ela dissesse acerca do Billy, por muito terrível que fosse.

Os olhos da mamã estreitaram-se como se ela estivesse com dificuldades em ver o trânsito.

«És muito jovem para perceber», disse docemente, mas teria sido melhor se as suas palavras tivessem sido proferidas com dureza, se tivesse tido a intenção que me ferissem e não que me protegessem. Eu não queria ser protegida.

«Vão resolver o assunto?»

«Sinceramente, não sei», respondeu ela.

Mas sabia. O que quer que tivesse acontecido entre ela e o Billy fora demasiado para que se perdoassem. Tinham dito coisas que não podiam retirar. Perderam-se um ao outro naquela discussão. Ou talvez já se tivessem perdido um do outro há muitos anos. Eu já não fazia ideia. O que sabia realmente, o que sentia profundamente, era que o Billy me tinha perdido. Eu não queria ser a menina preferida dele. Não queria saber porque é que ele tinha dito à minha mãe para me ir buscar à Livraria Próspero, porque não tinha sido ele a ir ter comigo. Mesmo que ele aparecesse no próximo domingo, a nossa relação nunca mais seria igual.

Mas, afinal, o que eu queria era irrelevante, porque o Billy acabou por não passar por nossa casa no domingo, nem no que se lhe seguiu. Não me foi buscar para passar a tarde com ele na Livraria Próspero. Não me levou em mais nenhuma aventura.

Durante vários meses, depois de ele ter desaparecido, procurei por sinais do seu regresso iminente. Mas, em vez de pistas que me pudessem levar até ele, encontrei indicadores da sua ausência. Os pratos *doisonné* que ele nos tinha comprado em Pequim já não estavam em exposição na sala de estar. A minha fotografia com ele no Aquário foi substituída por uma do papá a empurrar-me num baloiço. Os *cupcakes* de uma pastelaria cubana em Glendale, que o Billy nos trazia sempre, deixaram de ser a sobremesa dos nossos churrascos de domingo.

Na altura em que passei para a escola secundária, deixei de procurar o Billy. Ele tornou-se uma pessoa do passado da minha família, alguém que eu praticamente esquecera. Quando ele voltou, por fim, eu não pensava nele havia pelo menos uma década. E, nessa altura, ele já estava morto.

Todavia, a morte do Billy não foi o fim da nossa história. Foi apenas o começo.



## 2

---

---

••

**S**empre soube que o Billy voltaria para mim sob a forma de uma pista; só não pensei que fosse demorar 16 anos.

Nessa altura, eu tinha 27 anos, vivia em Filadélfia e era uma professora de História dedicada, se não excessivamente fervorosa, do oitavo ano. Tinha acabado de ir viver com o meu namorado, o outro professor de História do oitavo ano da minha escola, e estava a experimentar as águas da coabitação pela primeira vez. O ano letivo terminara. Os trabalhos finais dos nossos alunos sobre a Proclamação da Independência e o *Underground Railroad*<sup>3</sup> estavam corrigidos, classificados e tinham-lhes sido devolvidos. As notas finais estavam dadas e, a não ser em caso de reclamação por parte de qualquer um dos encarregados de educação, estávamos oficialmente de férias de verão. O Jay insistiu em que organizássemos uma festa para celebrar. Uma festa de inauguração da nossa casa, apesar de ele já viver naquele apartamento havia meia década e de a única novidade naquele espaço ser o facto de eu agora também lá viver.

O Jay ia sair para comprar bebidas para a nossa grande noite. Havia uma loja estatal de venda de bebidas alcoólicas a alguns quarteirões do nosso apartamento, mas ele insistiu em fazer uma viagem de meia hora até Delaware, onde poderia comprar garrafas grandes, com cerca de dois litros de whisky e de vodka, baratas e a preços isentos de impostos.

---

<sup>3</sup> Rede de rotas clandestinas existente nos Estados Unidos durante o século XVIII, que era utilizada na fuga de escravos africanos para os estados do Norte ou para o Canadá. [N. T.]

— Sabes que vais gastar em gasolina o que vais poupar nos impostos — afirmei, vendo-o andar de um lado para o outro na nossa sala de estar, à procura das chaves.

— É um ponto de vista. — Enfiou a mão por entre as almofadas do sofá. Voltou a tirá-la cheia de restos de batatas fritas e de cotão, que colocou em cima da mesa de centro.

— Isso é nojento — disse, verbalizando o que era óbvio. O Jay atirou-me um beijo enquanto continuava a sondar o sofá, desencantando as chaves e fazendo-as tilintar com um ar vitorioso. — Sabes que existe um gancho junto da porta precisamente para esse fim? — Apontei para o gancho de bronze, com uma ave empoleirada no topo, o meu único contributo para a decoração do apartamento.

— É para isso que serve? — brincou ele, puxando-me para o sofá. Beijou-me o pescoço e as faces, prendendo-me no seu colo. Imaginei-o na loja de bebidas em Delaware, a encher um carrinho de compras com uma quantidade de garrafas suficiente para deixar doente toda a gente na festa.

— Podíamos simplesmente ir passar o fim de semana fora da cidade, ir até uma cabana em Vermont, sair da rotina.

O Jay soltou-me. Eu deixei-me ficar ao colo dele.

— Pensei que querias organizar uma festa — disse ele.

Encolhi os ombros. O Jay queria dar uma festa. Eu queria querer dar uma festa, mas eu raramente ia, e muito menos organizava, àquele tipo de festas de beber até de madrugada, como se previa que a nossa fosse ser.

— Era só uma ideia.

O Jay retirou-me do colo e pôs a carteira e as chaves no bolso de trás das calças.

— Vai ser divertido — prometeu, dando-me um beijo fugaz antes de sair.

Embora já vivesse com o Jay havia três meses, não sentia que o apartamento fosse mais meu do que antes de colocar as minhas roupas na cómoda dele, de o meu iogurte e o meu frango grelhado encherem o frigorífico que, de outra forma, estaria vazio. O apartamento

estava decorado ao estilo da mãe do Jay, de acordo com o modo como ela considerava que um homem solteiro de 20 e poucos anos deveria viver. Um sofá escuro que disfarçava as manchas, poltronas de couro que, felizmente, não eram reclináveis, um televisor que ocupava uma parede inteira, as restantes estavam cobertas com arte abstrata em tons suaves. Os poucos objetos que eu possuía encontravam-se num pequeno armazém. Uma cómoda antiga que eu não vendera com o restante mobiliário do meu quarto. Uma mesa de centro em pedra que a minha mãe comprara, na década de 1970, em Nova Iorque. Algumas gravuras emolduradas do Museu de Arte, que não valiam a discussão que pendurá-las nas paredes do meu apartamento novo provocaria. O Jay não tinha grande afinidade com os quadros que a mãe escolhera, mas ela ficaria ofendida se nós retirássemos as pinturas que ela comprara a artistas que eram seus amigos. Ele disse que mais valia deixar estar assim o apartamento, escolhermos as nossas guerras. Perguntei-me como seria vivermos no medo permanente de perturbarmos a nossa mãe.

Fui até à cozinha arranjar espaço nas bancadas para os caixotes de bebidas alcoólicas que o Jay iria trazer para casa. A minha correspondência estava amontoada numa pilha desorganizada junto do frigorífico, a maior parte eram faturas por pagar e ofertas de aulas de ioga, dois postais de agradecimento de alunos que declaravam, numa caligrafia desmazelada, que eu era a professora preferida deles e que iriam recordar sempre a nossa visita à Gráfica Franklin. Além dos postais, havia um envelope almofadado, com o meu nome cuidadosamente inscrito no espaço do destinatário — *Miranda Brooks* —, mais elegante do que se fosse escrito pelo meu próprio punho. Não continha um remetente, mas o selo era de Los Angeles. Tatee o envelope. Duro e quadrado era evidentemente um livro. Talvez fosse uma das pequenas surpresas da minha mãe, apesar de a caligrafia no espaço para o destinatário do envelope almofadado não ser a sua. Estava sempre a enviar-me coisas, tentando compensar o quanto lhe custava a sua única filha ter decidido viver na costa oposta. Um livro de cozinha com receitas demasiado elaboradas para que alguma vez

as preparasse. Um livro de bricolagem para decorar a casa a preços acessíveis, visto que presumira razoavelmente que, quando o apartamento do Jay passasse a ser dos dois, o mesmo aconteceria com a decoração.

Abri a embalagem e retirei um livro de bolso que estava embrulhado num papel verde acetinado com um cartão de felicitações colado. Rasguei o papel de embrulho. Era uma peça de teatro que eu conhecia de cor. *A Tempestade*. A minha mãe dera-me o nome de Miranda, na sua opinião, a rapariga mais pura e mais bela de toda a literatura. Na capa do livro de bolso, uma onda perigosa ameaça fazer virar o navio que transportava o rei e o seu séquito — incluindo o irmão de Próspero, António —, que regressara a casa depois de assistir ao casamento da princesa. A mamã envia-me frequentemente exemplares da minha homónima quando os encontra em leilões ou em lojas de antiguidades. Uma edição rara com folha de ouro. Uma versão ilustrada da década de 1950. Uma réplica em miniatura, em forma de pendente ou de alfinete. Aquele era um livro de bolso genérico, impresso em tiragens de milhares, não era o tipo de presentes da minha mãe. Porém, se a encomenda não tinha sido enviada por ela, não fazia a mínima ideia de quem mais a poderia ter enviado.

Tirei o cartão de felicitações do envelope. Na parte da frente, continha um esboço de uma mulher loura deitada numa praia, a sorrir para mim. Os seus olhos estavam tapados por uns óculos escuros do tipo olhos de gato, o cabelo curto e espetado estava a ser sacudido pela brisa forte. *Malibu, Califórnia* estava escrito em maiúsculas, no céu limpo por cima dela, em letras tão brancas e brilhantes como os dentes da mulher.

A mensagem escrita no interior era muito pouco esclarecedora.

A compreensão prepara-nos para o futuro.

E era tudo. Nenhum «Olá, do teu querido amigo de quem te tinhas esquecido completamente» nem «Isto é algo que me faz sempre pensar em ti, com afeto do teu admirador secreto». Nenhuma

referência ao navio ameaçado do rei representado na capa do livro, a Próspero ou à sua ilha encantada. Apenas aquelas palavras de peso numa tinta tão escura que ainda parecia húmida.

«A compreensão prepara-nos para o futuro.» Já tinha ouvido aquela frase em algum lugar. Talvez do meu pai? Ele era o tipo de pessoa que se esquecia de assinar o próprio nome. Se a mensagem fosse um adágio sobre o trabalho árduo ou uma citação de Roosevelt, teria presumido que o cartão era dele. Contudo, aquele não era o género de conselhos paternais que ele dava. Além disso, o papá era mais do tipo de colocar o nome num qualquer presente que a mamã me tivesse comprado. Talvez a frase fizesse parte da letra de alguma canção ou de um truísmo saído num bolinho da sorte chinês, uma frase feita de um daqueles livros *New Age* que a Joanie citava meio a brincar. Só que eu ouvia a palavra «futuro», não na voz áspera da Joanie, mas como uma canção de embalar suave. Uma voz profunda e sonhadora que deveria ter inspirado conforto. Todavia, pelo contrário, provocou-me uma nostalgia e uma tristeza imensas.

Talvez a frase fosse uma das deixas de Próspero, ainda que não tivesse a intensidade de Shakespeare. Mesmo assim, soava a algo que Próspero podia ter dito ao público na sua despedida final. Folheei o texto. O epílogo não estava assinalado, mas, na segunda cena da peça, quando Próspero revela a Miranda que o irmão os expulsara de Milão, as suas palavras estavam realçadas:

«É tempo  
De te informar melhor. Dá-me a tua mão,  
Ajuda-me a despir o meu manto mágico.  
Assim — Queda-te meu poder — Sossega.

Senta-te.  
Pois agora vais ter de saber mais.»

«Agora vais ter de saber mais.» «A compreensão prepara-nos para o futuro.» Se não fosse a analogia do tema, teria partido do

princípio de que aquela secção realçada era uma marcação aleatória do proprietário anterior do livro, mas as palavras de Próspero, a citação no cartão... estavam ligadas. Só não tinha a certeza de como.

Escrevi a frase do cartão no motor de busca do meu telemóvel. Surgiram algumas centenas de divagações sobre educação e religião. Todavia, nenhuma citação direta da frase. Não era uma referência a *A Tempestade*. Tanto quanto podia adivinhar, nem sequer era uma citação. Ainda assim, estava certa de que já a tinha ouvido.

Coloquei a peça de teatro na minha gaveta e coleí o cartão no frigorífico, na esperança de que a imagem da praia me pudesse fazer lembrar alguma coisa. O rosto feliz da mulher seguia-me enquanto eu limpava as bancadas. Embora os olhos estivessem escondidos atrás dos óculos escuros, observaram cada um dos meus movimentos. Quando levantei os olhos, estava à espera de que a sua expressão se tivesse alterado. É óbvio que isso nunca aconteceu e, após algumas olhadelas para o seu cabelo soprado pelo vento e o sorriso inexpressivo, comecei a sentir que ela sabia algo que eu desconhecia.

AO ANOITECER, O NOSSO APARTAMENTO ESTAVA PRONTO PARA O INÍCIO DAS festividades. Alguns dos nossos colegas, os companheiros do futebol do Jay e as minhas amigas da universidade chegaram cedo, trazendo saladas, cuscuz, frango e bolo.

Instalámo-nos no chão da sala de estar, com copos de vinho pousados ao nosso lado e pratos de papel no colo. Toda a gente conversava animadamente. Era a festa que eu teria preferido, apenas com os amigos mais próximos, as pessoas acerca das quais não tinha de me interrogar como tinham ido ali parar. Estava sentada entre o Jay e o professor de Desenho. O Jay era treinador de futebol na escola secundária e tinha passado a ser o outro professor de História, no início desse ano, quando a licença de maternidade da professora Anne passou a ser definitiva. Antes de passar a fazer parte do meu grupo, vira-o ao longe, conhecia o aspeto das suas pernas musculadas sob os calções de rede, a forma como o seu assobio explodia em pipilados

agudos quando queria chamar a atenção dos miúdos. Tinha uma beleza do estilo beto que normalmente não me atraía, mas possuía aquela energia magnética que fazia as professoras, tanto as mais jovens como as mais maduras, soltarem risadinhas despropositadas quando ele as cumprimentava. Um carisma tão intenso que a escola estava desesperada por o conservar. Propuseram-lhe o lugar de professor do oitavo ano de História Americana, apesar de a sua formação universitária ser da área de Economia e de nunca ter lecionado. Fui incumbida de o fazer acelerar, uma tarefa que envolvia mais lições de História do que eu teria esperado, sessões de estudo à noite e aos fins de semana, em que lhe falei dos federalistas e dos republicanos jeffersonianos, das eleições contenciosas de 1800 e do duelo entre Hamilton e Burr. Ele sorria simiescamente enquanto eu lhe explicava como os candidatos concorriam de modo independente e, quem quer que ficasse em segundo lugar, independentemente do partido a que estivesse ligado, era nomeado vice-presidente. Acusara-o de não prestar atenção, e ele respondera: «És apaixonante. Adorável.» Depois, também eu sorrira, e pouco tempo depois, esses sorrisos levaram a mais qualquer coisa.

Presumira que iria haver um entendimento, cumprimentarmos nos corredores como Professora Miranda e Professor Jay, como se nunca nos tivéssemos visto nus, até o segredo nos parecer uma rotina. Acontece que o Jay era mais do que pernas atléticas e um sorriso tentador. Falava de futebol como se tratasse de uma arte, uma metáfora da vida. Conhecia todas as pessoas no seu bairro — agora nosso bairro — pelo nome, ajudando a idosa senhora Peters a levar as mercearias até ao seu apartamento no terceiro andar, levando a passear a cadela do amigo Trevor quando ele não conseguia sair do trabalho a tempo de o fazer. Era próximo dos pais e nunca perdia a paciência com a mãe, dizendo-lhe que gostava das camisas de colarinho que ela lhe comprava, que ficavam a apanhar pó no roupeiro, e pendurando as suas criações artísticas pouco interessantes nas paredes do seu — agora nosso — apartamento. Era chegado à irmã, que vivia a alguns quarteirões de distância e, neste momento, estava

sentada à nossa frente, a namoriscar com um dos meus amigos da universidade, ao mesmo tempo que nos lançava olhares de soslaio, a mim e ao Jay, ainda pouco habituada à nossa parceria.

— Como correu o teu último dia? — perguntei ao Jay. Não queria falar sobre a escola, contudo, ainda estava a aprender a estar com o Jay no meio de uma multidão. Passávamos tanto do nosso tempo sozinhos que eu tinha de recordar a mim mesma que não me podia precipitar para cima dele quando havia outras pessoas à nossa volta; não lhe podia pedir para divulgar os seus sentimentos da forma que o fazia corar.

O Jay começou a descrever o seu último dia de aulas, onde jogaram ao mata, com uma estratégia bem planeada, que os alunos provavelmente apreciavam mais do que a minha aula sobre Abraham Lincoln. Essa era a diferença entre mim e o Jay. Ele sabia como conquistá-los. Eu sabia como ensinar-lhes algo a que eles podiam não dar valor hoje, mas que recordariam daqui a alguns anos, pelo menos, eu assim o esperava. Muito de ser professor repousa nessa esperança vã. O Jay estendeu o braço para me mexer nos caracóis e eu dei-lhe um beijo na face, experimentando qual seria a sensação de demonstrar afeto diante dos amigos e dos colegas. Aquele beijo era o equivalente físico a alterar o estado civil no *Facebook*, uma proclamação que, embora não fosse totalmente irreversível, era indelével.

Por volta das 23 horas, os convidados começaram a chegar. Amigos dos amigos dos amigos. O Jay recebeu-os a todos. Cumprimentava com um «dá cá mais cinco!» tipos com bonés de basebol e com um abraço as raparigas que vestiam tops curtos, justos, e de cores vivas, que eu nunca tinha visto. Podia imaginar as conversas que ele tinha com aqueles indivíduos altos e musculados, detalhes dos jogos de sábado de manhã para o campeonato de futebol e os lamentos pela derrota mais recente dos *Phillies*. Não me ocorria sobre que assuntos o Jay podia falar com aquelas raparigas. Tentei não ser muito descarada enquanto o observava a conversar com elas. A irmã do Jay apanhou-me a olhar fixamente para eles, e tinha um sorriso afetado inconfundível.



À medida que mais estranhos foram enchendo o nosso apartamento, a sala de estar começou a ficar insuportavelmente quente. Alguém ligou a aparelhagem estéreo com o volume tão alto que não era possível manter uma conversa, apenas dançar. Eu fiquei encostada à parede com o Jay, a ver a tagarelice daquelas mulheres vestidas em tons vivos passar sem esforço para a batida eletrônica. Os casais atiravam-se uns contra os outros enquanto dançavam, entornando cerveja no nosso soalho. O desejo irradiava do corpo do Jay e eu queria perder-me nele, contornar a esquina da nossa sala de estar para a nossa toca privada. O Jay bateu com o pé no rodapé e perguntou-me se queria dançar. Posicionámo-nos ao lado do grupo de raparigas, conscientes da sua fluidez. Também eu tentei ser fluida, no entanto, dançar sempre me tornou excessivamente consciente das ordens que o meu cérebro enviava ao meu corpo e da incapacidade das minhas pernas para as executar. O Jay também não dançava muito bem, e rimo-nos do quão mal nos movíamos, aproximando-nos um do outro até nos apropriarmos da batida, até os desejos do Jay ficarem alinhados com os meus.

O meu telemóvel começou a vibrar no bolso. Geralmente, tê-lo-ia ignorado, todavia, a campainha da porta do nosso apartamento só funcionava de vez em quando, não obstante os meus incontáveis telefonemas para o administrador do condomínio para que a reparasse, e não queria que um dos meus amigos ficasse na rua, sem conseguir entrar. Quando vi que era a minha mãe percebi logo que algo errado acontecera. Tínhamos falado nessa manhã. Ela tinha-me dado a receita do cocktail Brown Derby, com sumo acabado de espremer, que eu não tivera coragem de lhe dizer que iria ser um desperdício para mim e para os meus contemporâneos, que estávamos habituados a beber cerveja barata. Embora muitas vezes falássemos mais do que uma vez por dia, ela não me teria telefonado durante a minha festa se não tivesse acontecido alguma coisa.

Voltei o telemóvel para o Jay, para ele poder ver que era a minha mãe, e comunicámos através de gestos. Ele encolheu os ombros, perguntando se estava tudo bem. Eu minimizei a preocupação que

sentia com um gesto, indicando-lhe que ia lá fora. Lutei contra a maré de pessoas para sair do apartamento.

— O que se passa? — perguntei, assim que saí para varanda.

— Desculpa por interromper a tua festa.

— Está tudo bem? — Sentei-me no primeiro degrau.

— Imaginei que quisesses saber. Não me sentia bem em não te contar logo, porque achei...

— Mamã, o que aconteceu? Estás a assustar-me.

— Acabei de receber um telefonema. É o Billy. — Todo o álcool que tinha no organismo me atingiu com o peso do nome dele. Billy. O tio Billy. De repente, senti-me muito tonta. Não me conseguia lembrar da última vez que a minha mãe falara dele. Não era capaz de recordar a última vez que pensara nele. Já sabia o que ela ia dizer, mas esperei que ela o fizesse.

— Ele... ele morreu. Esta tarde — disse ela, num tom perturbado, como se tivesse tomado um sedativo, e talvez tivesse. A voz dela estava anormalmente calma.

Uma imagem surgiu na minha mente turva como um clarão: o Billy sentado atrás do volante do automóvel, depois de me ter deixado em casa pela última vez. Sorrira à medida que se afastava, só que o sorriso dele era demasiado aberto, desconfortável. Tentei recordar um momento mais feliz, a sua expressão satisfeita, naquele dia em que me comprara a cadela, o seu rosto sempre que eu resolvia um dos seus enigmas. Mas, em vez disso, estava sempre a ver aquele sorriso forçado enquanto me acenava um adeus pela última vez, a forma como não me conseguira esconder a tristeza que sentia.

— Oh, mamã... — Não sabia o que dizer. Não conseguia imaginar como ela se estava a sentir. Apesar de eles não se falarem há 16 anos, ela deve ter ficado arrasada.

— Devia deixar-te voltar para a tua festa.

— Não, mamã, é só uma festa.

— Vai divertir-te. Voltamos a falar em breve, está bem?

— Mamã — disse-lhe, antes de ela desligar. — Tenho mesmo muita pena.

— Eu também tenho — respondeu ela.

Deixei-me ficar no degrau a olhar para o número de telefone dela a piscar no ecrã até desaparecer. Estava uma noite sufocante. Já há nove anos que vivia em Filadélfia e ainda não me tinha habituado à humidade, à forma como perdurava depois do sol-posto. Recordei a última conversa que me lembrava de ter tido sobre o Billy, de a minha mãe me ter dito que não sabia se iriam resolver os problemas, como acabou por nunca acontecer. Devo ter-lhe perguntado pelo Billy depois disso, mas ela deixou bem claro que o Billy era um fantasma, eliminando-o das histórias da infância de ambos, evitando o Temescal Canyon, onde nós os três costumávamos fazer caminhadas, as praias pitorescas de Malibu, que em tempos haviam sido as preferidas do Billy. Ao fim de algum tempo, devo ter deixado de perguntar por ele. O Billy agora estava morto, mas já há muitos anos que tinha desaparecido para nós. Mesmo assim, eu sentia profundamente a morte dele.

E era capaz de adivinhar que a minha mãe também.

As vibrações dos passos do Jay troaram quando ele se aproximou da porta. Estava aliviada por ele ter vindo à minha procura, mas não estava preparada para partilhar o momento com ele.

— Então? — perguntou ele, dirigindo-me aquele sorriso que me deixava tonta, só que eu ainda estava envolta nas vertigens que as palavras da minha mãe e que o pensar no Billy ao fim de tanto tempo me tinham causado. O sorriso desvaneceu-se no rosto do Jay. Encostou-se à moldura da porta como se estivesse a posar para um catálogo realizado ao ar livre.

— O que aconteceu?

— O meu tio morreu.

— Merda! — O Jay sentou-se no degrau e apertou-me contra o peito. — Será melhor mandarmos toda a gente embora?

— Não, não quero que saibam. É só que... já não o via há muito tempo, há cerca de 16 anos. Não posso acreditar que ele tenha morrido... — No preciso momento em que o verbalizava, continuava a não me parecer real.

— Posso fazer acionar o alarme de incêndios, acender um fósforo sob os aspersores. Isso vai fazer com que todos saiam.

Forcei uma risada.

— Não temos aspersores.

— Está bem... E se for um incêndio no balde do lixo? Nada perigoso.

O meu sorriso tornou-se tenso.

— Por favor, não incendeies o nosso apartamento. A sério, para já, só me apetece não pensar no assunto.

O Jay não me pareceu convencido, mas fez-me levantar da nossa varanda e levou-me para cima. Antes de entrarmos no apartamento, rodeou-me com os braços.

— Basta uma palavra e mando todos embora — prometeu-me.

Contudo, assim que voltámos lá para dentro, um dos amigos do Jay atraiu-o para um círculo com a promessa de um charro. O sofá e a mesa de centro tinham sido encostados à parede, para ampliar a pista de dança.

A minha antiga colega de quarto viu-me do outro lado da sala e arrastou-me para a pista onde os corpos se uniam e os membros se entrelaçavam, ao mesmo tempo que se abanavam ao som da música.

Não conseguia deixar de pensar no Billy, nas caças ao tesouro que ele preparava no meu jardim das traseiras, nas aventuras que tínhamos vivido juntos nos parques e praias de Los Angeles, nos presentes que ele me trazia do estrangeiro — joalheria com missangas, da América do Sul, e artigos de eletrónica, do Japão. Perguntei-me o que acontecera a esses presentes, se ainda estariam em casa dos meus pais, se a minha mãe há muito os teria deitado fora.

Os braços do Jay surgiram em redor da minha cintura, quase fazendo o meu corpo abanar ao som da batida. Tentei acompanhar o movimento dele como se fôssemos um só, mas estava perturbada com as palavras da minha mãe — «Eu também tenho» —, com a rapidez com que ela desligara para não revelar a profundidade do seu sofrimento.

E, tão depressa como o Jay surgiu ao meu lado, voltou a desaparecer, para o canto oposto, onde havia uma agitação por causa de qualquer coisa que se tinha partido. Os meus membros tornaram-se pesados enquanto tentavam reproduzir os movimentos dos que me rodeavam. O Jay baixou-se para apanhar o que quer que tinha caído, levando-o em braços para o quarto. A música chegou ao fim e os casais que estavam à minha volta continuaram a dançar ao ritmo de conversas embriagadas enquanto esperavam que a seguinte comesse. Fechei os olhos e vi o Billy, o seu sorriso contraditório. Como é que ele me chamava quando eu era criança? «A minha menina especial»? Não, «a minha menina preferida». «Cá está a minha menina preferida», dizia ele, antes de me levar apressadamente numa das suas aventuras.

A música começou a tocar. Tentei deixar-me levar pelo ritmo da sala, mas estava perdida no meio dos pensamentos sobre o Billy, as lições de Geologia, Biologia e sobre a evolução, disfarçadas de aventuras. Ensinara-me quase tudo o que eu sabia acerca do mundo, de como mudara, colidira e evoluíra, de como as nossas vidas eram moldadas pelos movimentos da Terra. Paralisei e abri os olhos. É claro. Não sabia como não me dera conta antes. As minhas pernas pareciam de chumbo, porém, eu forcei-as a mexerem-se, avançando aos empurrões por entre os pares rodopiantes, até chegar à cozinha. A loura do cartão continuava a sorrir da porta do frigorífico, só que eu sabia tanto como ela. «A compreensão prepara-nos para o futuro.» Eram palavras do Billy. Era algo que ele me tinha dito a seguir ao primeiro tremor de terra que eu testemunhara.

**UMA LIVRARIA QUE ALBERGA SEGREDOS DIFÍCEIS DE IMAGINAR.  
UMA HERANÇA CAPAZ DE MUDAR A VIDA DE UMA FAMÍLIA INTEIRA.**

Miranda Brooks cresceu entre as estantes da livreria do seu excêntrico tio Billy, em busca de soluções para as fascinantes caças ao tesouro que ele adorava criar especialmente para ela. Mas uma estranha desavença familiar entre o tio e a mãe de Miranda ditou um afastamento que haveria de perdurar por 16 anos, até à data da morte de Billy.

Além da notícia inesperada do falecimento do tio, Miranda fica também a saber que ele lhe deixou de herança a livreria onde ela guardara tantas memórias e que agora se encontra à beira da falência. Determinada a evitar que o legado de Billy caia no esquecimento, Miranda regressa à livreria e encontra no interior de livros, gavetas e estantes uma derradeira caça ao tesouro que haverá de a levar à redescoberta de si mesma e à revelação de um inimaginável e chocante segredo de família.

**UMA HISTÓRIA FASCINANTE ACERCA DA FORÇA DO AMOR,  
DOS LAÇOS DE SANGUE E DA NOSSA CAPACIDADE DE REINVENÇÃO.**

**«Numa narrativa plena de mistério e drama, Amy Meyerson faz uso de uma complexa dinâmica familiar para realçar a importância da verdade e da necessidade de perdão.»**

*Associated Press*

